

CULTURA

A Évora de Francisco de Holanda é “uma idade de ouro perdida”

Exposição no Museu Frei Manuel do Cenáculo reúne livros, manuscritos e pinturas que fazem parte do universo deste artista do século XVI. Através dela ficamos a saber que obras leu, quem foram os seus mestres e por que razão podemos dizer que chegou a Évora na altura certa

Museus

Lucinda Canelas texto
Sara Jesus Palma fotografia

Ouve-se Sylvie Deswarte-Rosa falar sobre Francisco de Holanda e não há como não sentir que também a História da Arte pode ser injusta. Por que razão não figura o seu nome entre os dos grandes teóricos da arte do Renascimento, se é autor de tratados pioneiros de reconhecida qualidade? Porque nasceu em Portugal e não em Itália? Porque optou por escrever algumas das suas obras em português? Porque a maneira como olhava para o pintor e para a pintura não agradava à Inquisição e isso o obrigou a ser mais discreto do que outros?

Quando se trata de Francisco de Holanda (1517-1584), são sempre mais as perguntas do que as respostas, adverte Sylvie Deswarte-Rosa, historiadora de arte francesa especializada em Renascimento que descobriu o artista nos anos 70 e que há muito estuda o percurso do autor de tratados como *Da Pintura Antiga* (1548), terminado no regresso da sua viagem a Itália, e *Do Tirar Polo Natural* (1549), o primeiro sobre o retrato publicado na Europa.

“Holanda fala muito pouco da sua vida e, por isso, torna-se muito difícil para os historiadores. É preciso adivinhar”, brinca esta investigadora emérita do prestigiado Centre National de la Recherche Scientifique a quem se devem obras de referência como *Les Enlumines de la Lecture Nova, 1504-1552. Étude sur la culture artistique au Portugal au temps de l’Humanisme*, escrita a partir da colectânea de cópias de documentos oficiais, ricamente iluminada, que D. Manuel I manda fazer em 1504 e que tem António de Holanda, artista educado nos Países Baixos e pai de Francisco, entre os autores.

Francisco de Holanda em Évora – Nascimento de um artista humanista, exposição que até 31 de Março pode ser vista no Museu Nacional Frei

Manuel do Cenáculo, em Évora, é o mais recente instrumento desta historiadora de arte para dar a conhecer a obra do artista e teórico, depois de em 2018 ter comissariado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) *Sob a Chama da Candeia*, em torno dos livros que contribuíram para a formação deste homem singular que, garante, poucos portugueses sabem quem é.

“Costumo dizer que a maioria das pessoas sabe, no máximo, onde fica a rua de Lisboa que tem o seu nome [no Bairro do Rego]. Na escola não se diz quem foi Francisco de Holanda quando se fala das grandes figuras portuguesas das artes e do conhecimento no século XVI [como Luís Vaz de Camões, Pedro Nunes ou Garcia de Orta], o que é simplesmente incompreensível. A cultura de Camões e de Holanda é a mesma, só que a de Holanda é mais sólida em termos visuais.”

Com esta exposição, Sylvie Deswarte-Rosa quer mostrar o ambiente intelectual e artístico em que Francisco de Holanda, nascido em Lisboa, faz a sua formação ao chegar a Évora e à casa do cardeal infante D. Afonso, de quem se torna moço de câmara nos anos 30 do século XVI, um estatuto que lhe permitia ser educado entre fidalgos.

D. João III (1502-1557) decidira transferir a corte para esta cidade alentejana depois do terramoto que atingiu Lisboa em 1531. No seu paço real funcionava a escola criada pelo frade André de Resende – “talvez o homem que mais influência teve em Holanda nestes anos cruciais da sua formação, entre 1534 e 1537” – e onde também eram professores Pedro Sanches, Aires Barbosa ou Nicolaus Clebardus. “Évora no tempo de D. João III é uma idade de ouro perdida”, diz esta investigadora que muito tem escrito sobre Holanda.

As obras que agora reúne nesta exposição são, na sua maioria, livros – de História, de cultura clássica, de astronomia –, mas há também folhas de música do Convento de Nossa

Senhora do Paraíso, uma das muitas casas religiosas da cidade e arredores, recortes de letras de iluminuras, genealogias em que a heráldica e o retrato se cruzam, a píxide da Sé de Évora, que a comissária acredita ter sido desenhada por Francisco de Holanda, e até o Livro das Cortes de Évora de 1535 que tem passagens que parecem inspiradas em crónicas de costumes.

“Através de tudo isto vemos em que mundo viveu e como, depois de receber os ensinamentos do pai na arte da iluminura, Holanda aprofunda as suas leituras e abre a sua cabeça à cultura clássica e a outras influências”, acrescenta a comissária da exposição, apontando para uma obra do historiador romano Plínio, o Velho (23-79), “que era como uma Bíblia” para o artista, e para *De Crepusculis Liber Unus*, do matemático português Pedro Nunes (1502-1578). “Holanda não é simplesmente um artista, mas um artista humanista, o que muda a maneira como ele olha para o mundo e como dá a ver o mundo.”

André de Resende, o mestre

Na exposição, que convida a um percurso pelos lugares ligados a este artista do Renascimento em Évora e até propõe um roteiro, há uma das suas raras pinturas, *Veneração de Nossa Senhora de Belém* (c. 1550), um pequeno óleo que hoje integra a colecção do Museu Nacional de Arte Antiga, mas é com outra – *Adoração dos Magos* (c. 1520-1525), de Jorge Afonso – que abre.

A comissária escolheu-a para que se visse o ambiente da corte de D. Manuel I, para quem o pai do artista trabalhava. “A cada epifania o rei chamava os seus oficiais de armas para receberem os fardamentos e eu gosto de imaginar que António de Holanda é um destes três”, diz, ao apontar para um pequeno grupo. “E gosto que se veja a moda de roupa e de cabelos da corte porque isso me permite regressar à infância de Francisco de Holanda, em Lisboa.”



Na escola não se diz quem foi Francisco de Holanda quando se fala das grandes figuras portuguesas das artes e do conhecimento no século XVI, o que é simplesmente incompreensível

Sylvie Deswarte-Rosa
Historiadora de arte

Em 1533, António de Holanda teria já uma oficina em Évora. Foi com o pai que Francisco de Holanda aprendeu a desenhar e a pintar. Uma vez na cidade, deu continuidade à sua formação artística, mas combinou o uso de tintas e pincéis com as aulas de André de Resende e dos outros professores do paço.

Resende, que acabara de chegar da Europa e ensinava fora dos muros do convento, apercebe-se rapidamente das capacidades e do interesse do jovem Holanda pela Antiguidade, uma das paixões deste frade dominicano que leccionou nas universidades de Lisboa e Coimbra e está entre os primeiros a interessar-se pela arqueologia, e prepara-o para viajar para Roma.

“Francisco de Holanda, tal como o seu mestre, é um apaixonado pelo Mundo Antigo e trabalha sempre sob o olhar benevolente de Resende.”

Entre 1538 e 1540 Holanda está em

A exposição convida a um percurso pelos lugares ligados a este artista do Renascimento em Évora e propõe um roteiro. Ao lado, Sylvie Deswarte-Rosa junto à *Adoração dos Magos*, de Jorge Afonso. E, em baixo, a edição fac-similada de *De Aetatibus Mundi Imagines*



Itália, onde conhece a poetisa Vittoria Colonna e o pintor, escultor e arquitecto Miguel Ângelo, na altura a trabalhar na Capela Sistina. O português, então com 20 anos, chega a representar-se junto a este mestre do Renascimento, já com 63.

Uma colecção fabulosa

Foi a sua estadia em Roma e o encontro com Miguel Ângelo que o levaria a escrever os *Diálogos* no tratado *Da Pintura Antiga*, redigido em português, sublinha Sylvie Deswarte-Rosa, o que viria a restringir muitíssimo a sua circulação.

“Ainda hoje me pergunto como é que este tratado não faz parte do cânone da literatura portuguesa, já que é uma obra absolutamente fundamental.” Em Itália, entrou em contacto directo com o mundo clássico, mas também com a arte do seu tempo, chegando a comprar desenhos de Rafael Sanzio, de Leonardo

da Vinci ou de Miguel Ângelo.

“Muitos historiadores de arte não gostam do Holanda porque ele não fala de outros artistas portugueses, à excepção de Nuno Gonçalves [autor dos *Painéis de São Vicente*, c. de 1470, a mais célebre pintura portuguesa], salvando-o do esquecimento. Queixava-se muito da falta de cultura artística de Portugal, mas refere muitos pintores italianos e flamengos. Miguel Ângelo é, de todos, o que mais admira. É para ele o pintor perfeito, aquele cuja ‘ideia’, no sentido neoplatónico de ‘génio’ ou de ‘inspiração divina’, aniquila os outros.”

Sylvie Deswarte-Rosa, que trabalhou no gabinete de desenho do Louvre, lembra-se bem de ter reparado numa anotação escrita pela mão de Holanda num retrato de Polidoro de Caravaggio e de, em seguida, ter identificado outras semelhantes em desenhos de Leonardo ou de Miguel Ângelo.

“Hoje há desenhos que lhe pertenceram no Louvre, nos Uffizi e no Castelo de Windsor. A sua colecção de desenho e gravura seria fabulosa.”

Regressado a Portugal em 1540, já depois da morte do cardeal infante D. Afonso, Holanda passa para o serviço de D. João III com o cargo de escudeiro fidalgo, uma evidente promoção que incluía uma pensão paga pelo irmão do rei, D. Luís. É no Verão desse ano que o artista começa a escrever *Da Pintura Antiga*, obra em dois volumes que viria a concluir já em 1548. Logo no ano seguinte publica *Do Tirar Polo Natural*.

“*Da Pintura Antiga* introduz o neoplatonismo na teoria da arte 50 anos antes dos italianos”, ao falar do primado da ideia e da inspiração divina do artista. Mas mesmo um livro tão fundamental como este”, cujo original se perdeu, fica “escondido, como o próprio Holanda, na história da teoria da arte quase até hoje”, lamenta

Sylvie Deswarte-Rosa, acrescentando em seguida: “Holanda torna-se um intelectual, um teórico, mas nunca deixa de ser um artista, um iluminador. A sua arte é de pormenor, preciosíssima.”

O seu talento como artista está bem patente em *De Aetatibus Mundi Imagines* (*As Imagens das Idades do Mundo*), “a sua obra maior”, presente na exposição numa edição fac-similada. O original está na Biblioteca Nacional de Espanha, em Madrid, onde foi descoberto em 1953 pelo historiador de arte português Francisco Cordeiro Blanco.

Holanda começou a trabalhar nesta “crónica do mundo em imagens” em 1545 – a corte voltara a residir em Évora no ano anterior – mas só em 1580 a deu por terminada, pouco antes de morrer.

É uma obra que começa no auge da sua carreira e já como artista ao serviço do casal real. Terá sido feita a pedi-

do de D. João III e da sua mulher, Catarina da Áustria, que provavelmente teriam em mente usá-la na formação do príncipe herdeiro D. João. Deswarte-Rosa não se cansa de olhar para ela: “É de uma inovação... *A Criação do Mundo* [uma das suas páginas] faz-nos logo pensar em William Blake, [o pintor e poeta inglês que só nasceu mais de 300 anos depois].”

A Inquisição

Com a morte do rei D. João III e do seu irmão, D. Luís, Holanda perde apoio na corte e vê o seu trabalho ensombrado pela Inquisição, que entrara em Portugal em 1536. É talvez por isso, argumenta a comissária, que dedica *De Aetatibus Mundi Imagines* à Igreja Católica. “Quando a termina, Holanda está menos arrogante e sabe que precisa de se proteger da Inquisição, a quem o neoplatonismo não agrada. Está com medo do que pode vir a acontecer-lhe e, por isso, nem sequer assina a obra.”

E é porque não está assinada que durante tanto tempo esteve mal catalogada na biblioteca madrilena. Cordeiro Blanco conseguiu atribuí-la ao artista porque ela tem, à semelhança do tratado *Da Pintura Antiga*, uma representação de Afrodite e Eros em forma de esqueleto, explica Deswarte-Rosa. Uma representação em tons escuros que em tudo contrasta com o anjo azul, luminoso, de feições ideais que guarda esta crónica do mundo.

Apesar de formalmente ter apenas uma sala, *Francisco de Holanda em Évora* pode crescer para as outras galerias do museu, convidando o visitante a percorrer a exposição permanente para encontrar obras contemporâneas deste autor do Renascimento, como o *Tríptico do Bom Jesus de Valverde* (1544), de Gregório Lopes, e o cenotáfio de D. Afonso de Portugal (c. 1540-1542), do escultor Nicolau de Chanterene.

“Holanda tem consciência de que não é um artista como os outros. É por isso que, no final do tratado *Da Pintura Antiga*, pede desculpa aos outros pintores porque sabe que muitos não vão compreender o que escreveu. E isto não quer dizer que os despreze, muito pelo contrário, quer dizer apenas que ele tem noção de que a sua formação em Évora foi a de um privilegiado. Ele chegou à cidade na altura certa.”